



Aaron Copland em retrato de 1956

AP Photo

Contra a surdez

Conferências de Copland e pesquisa de Ivan Vilela revelam nuances das músicas erudita e popular

LIVROS

COMO OUVIR E ENTENDER MÚSICA ★★★

AUTOR: Aaron Copland
TRADUÇÃO: Luiz Paulo Horta
EDITORA: É Realizações
(216 págs., R\$ 66)

CANTANDO A PRÓPRIA HISTÓRIA – MÚSICA CAIPIRA E ENRAIZAMENTO ★★★★★

AUTOR: Ivan Vilela
EDITORA: Edusp
(328 págs., R\$ 65)

É fato que a música erudita perdeu lugar na preferência do público “culto” nos séculos 20 e 21. Uma produção popular complexa (jazz, bossa nova) e a força da indústria cultural (com a trivialidade do rock e do pop) seriam responsáveis por essa configuração. Dois livros de compositores abordam esses vetores contraditórios: a complexidade da criação, em tempos de cruzamento entre popular e erudito, e a regressão da audição na era da cultura de massa.

“Como Ouvir e Entender Música” reúne conferências do norte-americano Aaron Copland (1900-1990), que incorporou elementos do jazz e do folclore à paisagem sonora dos Estados Unidos. De caráter didático, analisa elementos como ritmo e harmonia, formas como fuga e sonata. Traz exemplos de pautas musicais e CD com os respectivos áudios, para quem não lê partituras. O aspecto mais importante, porém, é convocar a atenção do leitor para as estruturas que se renovam a cada audição, para além de associações emocionais.

Uma obra de Tchaikóvski, diz Copland, sempre diz aproximadamente a mesma coisa, enquanto Beethoven oferece um universo inesgotável de significações abstratas. Essa regra de ouro cabe também num jazzista como Miles Davis, mas se choca com hierarquias culturais.

Em “Cantando a Própria História”, o compositor e pesquisador da viola caipira Ivan Vilela faz um histórico do instrumento que foi introduzido na península ibérica pelos árabes e se difundiu pelo Brasil associado a um modo de vida comunitário.

Seu foco é uma dinâmica social em que a expressão popular derivou ora para “maneiras cultas do tocar”, no contexto de dominação administrativa do Nordeste no Brasil Colônia, ora para a “rude exuberância” da viola caipira, na terra de ninguém do Sudeste de bandeirantes e mamelucos.

Aqui entra o problema: a modernização do país levou à sofisticação contracultural da tropicália, mas também ao estigma do caipira como resquício arcaico, cegando-nos para uma tradição que Vilela define, com autoridade de musicólogo, como “maior guarda-chuva de ritmos distintos existente na música brasileira”.

Vilela mostra como o público supostamente culto é surdo não apenas às nuances da música erudita, mas também a “timbres e texturas que as músicas clássica e popular são (...) incapazes de produzir”. O livro inclui CD com composições próprias, interpretadas com talento que quase sufoca sua acuidade de ensaísta.

André Barcinski escreve edição pop no próximo domingo

LIVRO



O CAPITALISMO COMO RELIGIÃO ★★★

Walter Benjamin (tradução de Nélcio Schneider, Boitempo, 192 págs., R\$ 42)

Com seleção de Michael Löwy, o volume reúne textos dispersos e inéditos do pensador judeu alemão, que se suicidou em 1940, em fuga do nazismo. Os ensaios trazem a marca singular de uma análise da modernidade e de uma crítica do capitalismo industrial em que se cruzam referências do romantismo, do materialismo marxista, da teologia e do messianismo judaico.

DISCO



PENDERECKI: PIANO CONCERTO “RESURRECTION”/ FLUTE CONCERTO ★★★★★

Filarmônica de Varsóvia (Naxos, importado)

Sob regência de Antoni Wit, os solistas Barry Douglas e Lukasz Dlugosz interpretam, respectivamente, o concerto para piano e orquestra e o concerto para flauta e orquestra de câmara do polonês Krzysztof Penderecki, que fez 80 anos em novembro. São obras de colorido essencialmente moderno (embora sem filiações à vanguarda serialista) e com a tensão austera de Penderecki.



Brad Davis no filme “Querelle”, de 1982

FILME

QUERELLE ★★★

Rainer Werner Fassbinder
(Paragon, R\$ 34,90)

Reza a lenda que o diretor alemão morreu extenuado ao tentar cumprir o prazo sadomasoquista exigido por Jean Genet para que concluísse esta adaptação de seu romance “Querelle de Brest”. Sadomasoquismo, crime e estética do excesso, aliás, dão a tônica desta trama em que um marinheiro mantém relações perversas num bar portuário de prostituição.